

# Vida literária e artística

NÚMERO 269

26 - SETEMBRO - 1963

OS EDITORES REVELAM  
OS SEUS PROGRAMAS  
PARA O ANO DE 1963-64

LER NA ÚLTIMA PÁGINA

SUPLEMENTO SEMANAL DO «DIÁRIO DE LISBOA»

## UM ESTUDO SOBRE «O ANJO ANCORADO» DE JOSÉ CARDOSO PIRES

por ALEXANDRE PINHEIRO TORRES



José Cardoso Pires



Fernando Namora

I

PARA a perfeita compreensão de *Anjo Ancorado* de Cardoso Pires necessário seria tornar a crítica e leitura de um livro que o mesmo autor publicaria dois anos depois. Refiro-me à *Cartilha do Marialva ou das Negações Libertinas*, livro que — diga-se de passagem — me tem servido de chave preciosa para a interpretação de algumas figuras masculinas e femininas da ficção portuguesa contemporânea. Refiro-me, em especial, à

figura do «Barão», personagem principal da notabilíssima novela homónima de Branquinho da Fonseca e às de certas personagens dos romances e novelas de Aquilino Ribeiro.

José Cardoso Pires reduz, em grandes linhas esquemáticas, a antinomia fundamental que caracteriza a sociedade portuguesa desde meados do séc. XVIII, aos termos contraditórios: o marialva e o libertino. O marialva — assim o defi-

ne — «é o privilegiado em nome da razão de Casa e Sangue». Desde um ponto de vista económico interessa-lhe a defesa das estruturas medievais, do irracionalismo. Por conseguinte, propugna a subsistência da ignorância, do ruralismo, da resignação campestre, opõe-se à industrialização, às planificações, ao progresso da cultura, à difusão das luzes, à modificação das relações de classe, ao aumento do nível de vida. Está, pois, o que se chama interessado num certo tipo de economia — e, de modo nenhum, na emancipação da mulher. (Adiante abordaremos o assunto do amor). A este tipo opõe-se o libertino português, que tem no Cavaleiro de Oliveira — figura literária fundamental entre os chamados «memorialistas libertinos» do séc. XVIII — autor da *Recreação Periódica*, um modelo paradigmático. O libertino é aqui, como alhures, o inconformista, o herético, quem corrói as traves mestras da classe no Poder, quem lhes dá cabo dos valores (até pelo riso), quem tenta pulverizar os resquícios medievais de qualquer época. Propugna tudo aquilo que o marialva combate.

A luta entre estes dois tipos seduz Cardoso Pires. É, no fundo, o combate travado contra as estruturas medievais, contra a filiação do obscurantismo, da prepotência do chefe absoluto, contra as alienações às éticas imanentes e transcendentais, económico-sócio-políticas e outras. Não será mesmo difícil de detectar em Cardoso Pires o «rasto» da leitura desses memorialistas li-

bertinos, exactamente como sucede em Aquilino Ribeiro.

O libertino instala a campanha desalienatória como processo-base contra o marialvismo. Um dos alvos a atingir será a *joie de vivre* — mas mercê de uma série de desalienações aos vários níveis da hierarquia das alienações: A instilação do espírito de *libertinagem* em quem quer que seja pressupõe, como etapa prévia, essa série de desalienações. Cardoso Pires, refere na *Cartilha do Marialva* a proclamação de Saint-Just segundo a qual «a felicidade é possível, salientando que ela corresponde a estabelecer uma

(Continua na 23.ª página)

## Face e contraface ao João Rui de Sousa

Paira a morte nos dedos,  
no coração, a morte desde o início vigia  
e no vento que sopra  
— vendaval ou brisa —  
entre os lençóis da vida  
dorme a morte.

De morte somamos muitas oras,  
à morte damos pão, flores e frutos,  
a namorada que sorri à morte,  
o pai que, morto, vive na noite semimorta.

Uma frígida morte passa como uma espada  
sobre um leito vazio,  
corre a casa, feroz,  
semeando uma lágrima.

O rosto virado para a morte,  
o sorriso comido pela morte,  
a morte a dar ao corpo um tempo certo.

O amor, o beijo, o furioso sangue  
(bens precários).  
«Donde vimos? Quem somos? Onde vamos?»

ANTÓNIO REBORDÃO NAVARRO

## A moderna arquitectura na Universidade de Brasília

Foi recentemente divulgado, nas suas linhas fundamentais, o memorial do projecto que o consagrado mestre de arquitectura moderna Oscar Niemeyer elaborou para as instalações futuras da Universidade de Brasília. Depois da obra realizada por este arquitecto no delineamento da nova capital brasileira, as suas criações audaciosas mas funcionalmente abertas ao futuro despertam o mais largo interesse mundial.

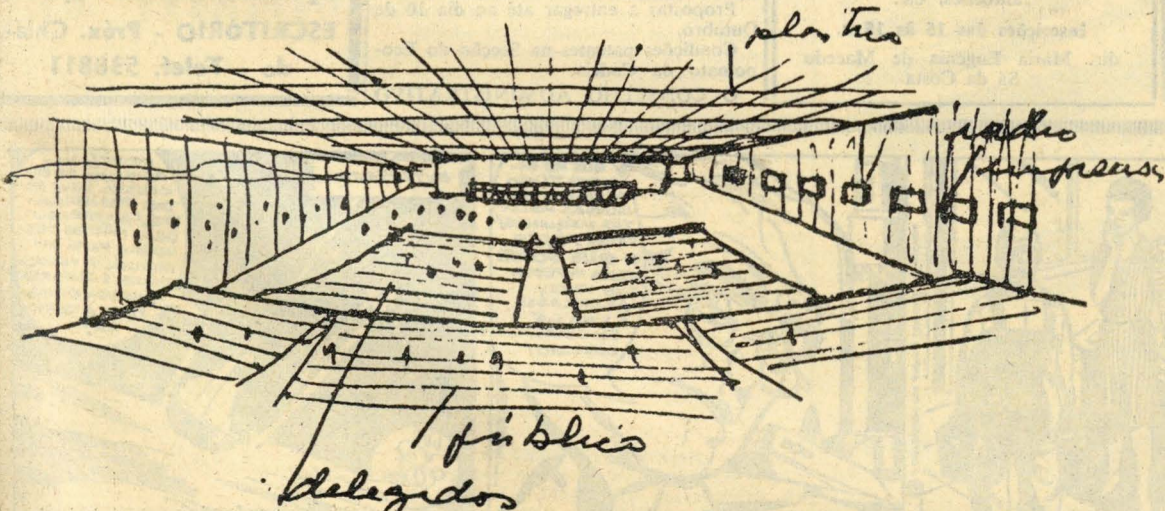
Deve assinalar-se previamente que a Universidade de Brasília vai abranger, na sua primeira fase, oito institutos centrais: Matemática, Física, Química, Biologia, Geo-Ciências, Ciências Humanas, Letras e Artes. Compreende Faculdades de Arquitectura e Urbanismo, Engenharia, Educação, Direito, Economia, Tecnologia, Administração, Diplomacia, Ciências Agrárias e Ciências Médicas. A Universidade possuirá uma biblioteca central (com curso de biblioteconomia), uma Rádio Universidade (com cur-

grande romancista e acompanha a sua criação: «Retalhos da Vida de um Médico». Mas a matéria é nova — pois trata-se da 2.ª série dessas narrativas, cujo aparecimento na série inicial consagrou definitivamente o escritor entre os maiores da ficção portuguesa. Ao passo que a 1.ª série de «Retalhos da Vida de um Médico» se confinava inteiramente no meio provinciano e rustico, o volume que vai ser agora publicado incluirá «histórias» da provincia e da cidade. É um mundo novo, transparente de vida experimentada, de sensibilidade humana, de observação das cruéis ou irónicas realidades, que vai surgir aos leitores de Fernando Namora na 2.ª série dessa obra admirável. Damos hoje aos nossos leitores um antegosto do livro anunciado, reproduzindo algumas das suas páginas de mais expressiva qualidade literária.

A gente, na cidade, não segura o tempo. Ele passa, corre — traiçoeiramente; passa ou corre, como alta nuvem, sem nos dar atenção — até ao momento em que reparamos, assombrados, que ele se distanciou. E as coisas que com ele passaram vêm-las então ao longe, já descoradas ou alheias. No entanto, em certas horas vazias da tarde, no café ou pelas ruas, eu ainda fazia por sentir próximas as recordações desse trio singular: Dasy, o velho, o garoto que não era garoto, nem adulto, nem criança, mas um bonzo que, sob expressões opostas, tinha duas vidas sacrificadas ao seu

(Continua na página central)

(Continua na 19.ª página)



Esboço de Oscar Niemeyer para o projecto do auditório a construir na Universidade de Brasília



# UM ESTUDO SOBRE «O ANJO ANCORADO»

(Continuação da 17.ª página)

espécie de ordem nova, uma «forma de extinguir os resquícios do medievalismo». A afirmação «a felicidade é possível» tem um carácter nitidamente desmistificador em relação ao decreto do Génesis: «a terra te será maldita, ela te produzirá espinhos e abrolhos». Cardoso Pires observa que «todo o apelo ao gosto pela vida pressupõe uma intenção de modificar a vida em sociedade». O apelo ao gosto pela vida pressupõe, como fases preparatórias dessa modificação, as desalienações que atrás se referiram.

Ora João, principal personagem de *O Anjo Ancorado*, começa por ser um homem da geração de 45. Esta indicação é fundamental, na medida em que se sabe que o fim da 2.ª Grande Guerra não trouxe, afinal, o fim de todos os fascismos. A juventude daquela altura depositara uma profunda esperança na extirpação total desse cancro. Essa esperança chegara a ser certa. João diz: «A mocidade de 45 tinha o romantismo das certezas. Encontrava-se na grande volta da História e a História havia de ser dela». Isto significa que essa mocidade de 45 não chega a afirmar-se politicamente. Entregara-se á convicção de que conseguiria afirmar-se politicamente sem combate próprio. Mais uma vez se prova que é sempre arriscado estar á espera que sejam os outros a combater a nossa luta. Em 1957, João encontra-se com trinta e oito anos de idade, treze anos depois das esperanças frustradas. É um «desencantado» por inação. Isolado, não podendo projectar o seu eu sobre um mundo circundante onde actue, está só, dando passos em torno de si mesmo, fazendo círculos em torno da sua própria personalidade, procurando definir-se. João, em certo passo, pensará: «Vivemos numa época em que cada qual fala para si mesmo na companhia de muitos outros». Em 1945, ainda estudante, acordara-o a certeza de um futuro diferente para aquela sociedade estagnada ou em decomposição onde vivia. Filho de um grande capitalista, não defende os valores da alta burguesia. Pretende, corajosamente, libertar-se dos «valores» desta. Tal atitude implica uma determinada «despromoção social», o que leva o pai a verberar-lhe as atitudes «ostensivas, suspeitas, denunciadoras», em relação ao trust que controla. O pai não pode deixar de ser um sustentáculo do *statu quo* medieval que lhe defende os interesses. Mas o filho, esse, numa carta de 1951, transcrita por Cardoso Pires em nota de fundo de página, escreve: «Nas malas fui encontrar a *Recreação* do nosso Cavaleiro de Oliveira. Se não to impingiram durante o curso (é mais provável que não) lê-o agora porque é um livro fresco e recheado de verdades». Aplaudir os memorialistas libertinos do séc. XVIII num país em que os princípios da Revolução Francesa são ainda — em pleno séc. XX — considerados pela mentalidade oficial como altamente subversivos, é, sem dúvida, um bom passo para um jovem português dos seus 50. Bom passo? Juízo certamente ridículo aos olhos da Europa. Mas Cardoso Pires não tratará de compor, voluntária e falsamente, personagens que se apresentem «bem vestidas» á bisbilhotice europeia. O mais que elas dão é aquilo: manifestarem com as devidas cautelas, por causa do Santo Ofício, a sua admiração pelas ousadias setecentistas.

Mas João falha a sua «despromoção social». Acaba a guerra, o fascismo continua, e ele vê-se, nessa mesma ocasião, pela morte do pai, herdeiro de uma grande fortuna. A sua existência arrastar-se-á pelos corredores, quase na obscuridade, da triste «doce vida» portuguesa. Em 1957, no pequeno episódio que Cardoso Pires nos narra em *O Anjo Ancorado* (uma tarde com Guida nas falésias junto á aldeia marítima de São Romão), João aparece revestido dos traços herdados do marialvismo da alta finança. As novas circunstâncias históricas, criadas pela certeza de que a algumas democracias triunfadoras da guerra sempre convinha a manutenção de certos regimes totalitários, não propiciam o desenvolvimento e a explosão da face literária de João. Este tornar-se-á uma personagem de duas águas, perigosamente equilibrada entre essa face e a marialva, que se lhe opõe. Quando aparece, no início da narrativa, ao volan-

te do seu *Talbot*, Cardoso Pires aponta-lhe detalhes que correspondem aos dos tipos marialvas. Diz: «Este ar de terra a terra é fácil de perceber-se nalguns infantes da lavoura que gastam a maior parte da vida nas grandes capitais. Nesses, as falas provincianas e o tom com que se dirigem aos criados são coisas cultivadas, uma espécie de marca de estirpe para os diferenciar do resto dos mortais que não têm terras nem passado para lá da cidade. São outros; gozam a paz da fortuna das famílias, bebem vinho tinto nos bares do Guincho ou de Cascais sem que alguém lhes leve a mal». O próprio João comenta: «Como os velhos reis». E quando Cardoso Pires escreve: «e nisso havia uma pontinha de desdém até por ele próprio», isto equivale a evidenciar os aspectos dicotómicos da personagem, a pôr logo em destaque a sua dialética interna. Mas João não é já um desses «infantes da lavoura». Sua experiência intelectual de raiz libertina, melhor: liberal, a sua militância antifascista do fim da segunda Grande Guerra torná-lo-á, mesmo quando herdeiro das courelas do pai, num *déclassé*.

A João opõe-se Guida Sampaio, sua companheira no *Talbot* durante o passeio a S. Romão. Cardoso Pires apresenta-a em nota ao fundo da página: «Vinte e três anos, licenciada, salvo erro, em Filologia Germanica pela Universidade de Lisboa». Há uma diferença de quinze anos entre eles. Quando João a conhece «percebeu pela toada dela que era uma jovem da segunda geração». Que geração? A que se seguiu á dele — já se vê — a que vierá depois da que tiverá «o romantismo das certezas». Esta segunda geração andava a acabar a instrução primária ou nos primeiros anos do liceu quando acabou a guerra. Vai a tempo de verificar que a «primeira geração» falha todo o seu programa de reforma sócio-política. A certa altura há este diálogo:

«Em 45, Guida, onde estava você em 45?»

«Estudava já se deixa ver. Espere, estava com o pai na África do Sul».

«Tinha quê? Dez, doze anos?».

«Á volta disso. Porquê?».

«Por nada. Talvez me sinta um pouco culpado por si. É possível. Nessa altura tinha eu vinte e poucos anos».

O futuro que a geração de 45 havia prometido á que vinha atrás cai como um castelo de cartas. «Talvez me sinta um pouco culpado por si», diz João. O passado é também o desastre que se sabe. Daí o facto de ter estas palavras a respeito da mocidade que sucedera á de 45: «A que veio a seguir já não (isto é: já não tivera o romantismo das certezas). Considera-se traída pelo passado e pelo futuro. Tem o realismo da duvida: assiste e interroga-se».

«Assiste e interroga-se» é uma expressão que aponta para um programa passivo. «Assiste» quer dizer: limita-se a ver no que param as modas.

Claro que estas duas gerações acabam por estar unidas, embora talvez disso não se apercebam. João dirá a Guida: «Estamos sós, desencantados, é lógico que exploremos essa pobre circunstância. *We band of brothers*, companheiros ao sabor da triste natureza». Personagens sócio-politicamente frustradas, arrastam com melancolia sua vida de inúteis. E a *joie de vivre*?

Vejam: o fascismo e suas implicações destruíram a alegria de viver. A doutrinação segundo a qual se deve renunciar aos praze-

res acaba por produzir os seus efeitos. Há todo um condicionalismo externo que ajuda. Os heróis habituais de Cardoso Pires gostam de comer, beber e amar. Não estão á espera das compensações celestiais: forma de demonstrar que certas estruturas sócio-políticas e as éticas iminentes e transcendentais não conseguiram ainda uma amputação muito profunda.

Todavia, em João e Guida não se passa o mesmo. A *destruição* vai bastante longe.

Personagens frustradas? Certamente. Da mesma frustração fundamental que Aquilino Ribeiro detectou na sociedade portuguesa. O processo de emburguesamento implica que o homem se sacrifique. Sacrifique ás estruturas sócio-políticas e ás éticas iminentes e transcendentais mencionadas. Que o homem se *ampute*. Luzia, da novela *Quando ao Gavião Cai a Pena*, diz a Tiago: «Estes bichinhos (refere-se aos animais domésticos da sua quinta) são mais interessantes que os meninos embrutecidos por séculos de civilização cristã, dizia meu pai, que acima de tudo tem por efeito destruir no instinto, tenaz e sistematicamente, o que possui de belo e autónomo». Guida Sampaio dirá, por sua vez, a João: «...a verdade é que em cada um de nós existe uma criança contrariada» e depois: «O erro, João, o crime está em nos terem ensinado desde pequenos a renunciar á vida. Contrariar, dominar o desejo natural. No fundo ainda é o fatalismo cristão, acho eu».

Curioso é que trinta anos depois Guida fale como Luzia: são os trinta anos de travão fascista.

Mas Guida Sampaio quererá, apesar de tudo, prolongar, tanto quanto possível, o seu *hoje* burguês. Deixou de acreditar, totalmente, num dia de amanhã, em qualquer revolução (e querê-la-á?). Diz a João: «Como se o dia de amanhã, a eternidade nos céus, na Terra, ou lá onde é, pudesse resolver o caso do homem». Burguesinha («evoluidav») até ao tutano, vai construindo o seu universo particular: para uso próprio. Enquanto João pesca, ela verseja, alinhavando frases ao acaso: «*Calate vento/Calate, pássaro*». E Cardoso Pires diz: «Guida tinha o gosto de se ouvir a sós. No banho ficava tempos e tempos a recitar palavras á toa e em todas descobria um significado especial relacionado com coisas que só ela sabia». Eis como o autor de *Anjo Ancorado* nos explica — não sei se voluntariamente — o quadro sócio-psicológico que define o poeta puro. Em 1957 a poesia pura já deixara de querer significar qualquer coisa de preciso ou muito menos contar o que quer que seja. Toda a poesia que narre é considerada discursiva. O segredo estará em destruir a univocidade que ela envergonhadamente ainda conserva. Chegamos á fase da plurivocidade, da palavra-reflexo. Mallarmé triunfou. A frase fragmenta-se. Instala-se a nova retórica: a que promove a palavra isolada, num sistema de palavras isoladas, a valor absoluto. A mentalidade burguesa faz os seus joguinhos académicos com as palavras que apontam para os significados secretos, talvez de alcova. Mas a face mais *liberta* de João, aquela que corresponde ao militante frustrado, não deixa de redarguir interiormente! Nada resolve seja o que for, se o que se pretende é segurar o dia a dia».

(Continua)

ALEXANDRE PINHEIRO TORRES

ARCA DE NOÉ III CLASSE  
ACABA DE SAIR

O FILHO DA FELÍCIA  
OU A INOCÊNCIA RECOMPENSADA

Com a sua bolsinha de amostras às costas, tamancos ferrados trape-trape, carapuça na cabeça e quatro vinténs na algibeira, foi Pedro assentar praça.

Ilustrações de LUÍS FILIPE DE ABREU

edição brochada 20\$00  
edição cartonada 25\$00

LIVRARIA BERTRAND